

Rilla de Ingleside

LUCY MAUD MONTGOMERY



Ciranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Rilla of Ingleside

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Mariane Genaro

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração de capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787r Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942

Rilla de Ingleside [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.

320 p. : il. ; ePUB ; 2,7 MB. - (Ciranda Jovem)
Tradução de: Rilla of Ingleside
Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-379-6 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Romance. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-1445

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

“Notas” sobre Glen e outros assuntos

Era uma tarde agradável e prazerosa, repleta de nuvens douradas. Susan Baker acomodou-se na grande sala de estar de Ingleside com uma aura taciturna de satisfação ao seu redor. Eram quatro horas da tarde, e Susan, que tinha trabalhado incessantemente desde as seis da manhã, sentia que merecia uma hora de descanso e fofocas. Ela vivenciava a mais pura felicidade, tudo havia corrido estranhamente bem na cozinha naquele dia. O Doutor Jekyll não se transformara no Senhor Hyde¹, de maneira que ela não havia ficado nervosa. De onde estava sentada, ela podia admirar o orgulho de seu coração: os canteiros de peônias plantadas e cultivadas por ela mesma, que floresciaam como nenhum outro em todo o vilarejo de Glen St. Mary, com flores em tons de carmesim, de um rosa-prateado e também brancas como a neve.

Susan vestia uma blusa nova de seda preta, tão elaborada quanto qualquer roupa que a senhora Marshall Elliott usaria e um avental branco e engomado adornado por um intrincado laço de renda em crochê de três centímetros de largura, sem mencionar o acabamento combinando. Ela, então, abriu a última edição do *Daily Enterprise* com a confiança plena de uma mulher bem-vestida e preparou-se para ler as “Notas” sobre Glen, que, conforme a senhorita Cornelia acabara de contar, ocupavam metade de uma coluna e citavam quase todos os moradores de Ingleside. A manchete em letras grandes e destacadas na primeira página do periódico

informava que um tal arquiduque Ferdinando² tinha sido assassinado em um lugar com o esquisito nome de Sarajevo, todavia Susan não dava atenção para esses tipos de assunto desinteressante e irrelevante; ela estava em busca de algo realmente vital. Ah, ali estava, “Notas de Glen St. Mary”. Susan acomodou-se melhor e leu em voz alta para desfrutar ao máximo de cada palavra.

A senhora Blythe e a visita, a senhorita Cornelia (aliás, a senhora Marshall Elliott) conversavam próximas à porta aberta que dava para a varanda, por onde entrava uma brisa fresca e deliciosa trazendo sopros do perfume do jardim e ecos alegres do canto encoberto por vinhas, onde Rilla, a senhorita Oliver e Walter riam e conversavam. Onde quer que Rilla estivesse, havia risadas.

Havia outro ocupante na sala, enrolado no sofá, que não poderia ser deixado de lado graças à impressionante singularidade e, principalmente, por ter a distinção de ser a única criatura viva que Susan de fato detestava.

Todos os gatos eram misteriosos, mas o Doutor Jekyll-Senhor Hyde, apelidado de “Doc”, ultrapassava todos os limites. Era um gato com personalidade dupla (ou, como jurava Susan, possuído pelo diabo). Em primeiro lugar, havia algo de singular desde a alvorada de sua existência. Quatro anos antes, Rilla Blythe ganhara um adorável gatinho branco como a neve, com uma macha preta na ponta do rabo atrevido, que ela chamou de Jack Frost. Susan não simpatizou com o Jack Frost logo de início, por mais que não soubesse ou pudesse explicar o motivo.

– Escreva o que estou dizendo, querida senhora – disse em tom sombrio –, aquele gato ainda vai nos dar trabalho.

– Por que você acha isso? – perguntou a senhora Blythe.

– Eu não acho, eu sei. – Foi tudo que Susan dignou-se a dizer.

Jack Frost era o favorito de todos os outros habitantes de Ingleside. Estava sempre limpo e arrumado, sem uma mancha sequer no belo casaco branco; ronronava e enroscava-se carinhosamente e era escrupulosamente honesto.

Então, aconteceu uma tragédia doméstica em Ingleside. Jack Frost teve quatro filhotes!

Seria inútil tentar descrever o triunfo de Susan. Ela não tinha avisado desde o começo que aquele gato acabaria se revelando uma desilusão ou uma fraude? Pois ali estava a prova!

Rilla ficou com um dos gatinhos. Era muito bonito, com um pelo especialmente macio e lustroso de um amarelo-escuro e listras cor de laranja, orelhas largas, acetinadas e douradas. Ela o chamou de Dourado, nome que pareceu apropriado para a criaturinha brincalhona que, durante a infância, não demonstrou indício algum da natureza sinistra que possuía. Susan, é claro, alertou a família que nada de bom poderia vir da cria do diabólico Jack Frost; entretanto, ninguém deu ouvidos às suas lamúrias proféticas.

Os Blythe se acostumaram tanto a se referir a Jack Frost no masculino que não conseguiram abandonar o hábito, de forma que continuaram a usar o pronome masculino, ainda que o resultado fosse ridículo. Os visitantes ficavam um tanto aturdidos quando Rilla referia-se casualmente ao “Jack e a cria dele”, ou quando dizia com braveza para o Dourado: “Vá lá com sua mãe e peça a ele que limpe seu pelo”.

– É indecoroso, querida senhora – dizia a pobre Susan com amargura. Ela referia-se ao Jack apenas por “o animal” ou “a fera branca”. Pelo menos um coração não sofreu quando “o animal” foi acidentalmente envenenado no inverno seguinte.

Um ano depois, “Dourado” tornou-se um nome tão evidentemente inadequado para o filhote alaranjado que Walter, que na época estava lendo o livro de Stevenson, rebatizou-o de Doutor Jekyll-Senhor Hyde. Em seu estado de ânimo como Doutor Jekyll, o gato era dorminhoco, afetuoso, manso e caseiro, que adorava ganhar carinho e mimos. Em especial, ele amava deitar-se de costas e que lhe acariciassem gentilmente o pescoço cor de creme, enquanto ronronava de prazer com sonolência. Seu ronronar era notório; Ingleside nunca havia tido um gato que ronronasse com tanta frequência e satisfação.

– A única coisa que invejo em um gato é o ronronar – comentou o doutor Blythe certa vez ao ouvir a melodia ressoante do Doc. – É o som mais satisfatório do mundo.

O Doc era muito bonito, seus movimentos eram graciosos e sua pose, magnífica. Quando colocava o longo rabo com anéis escuros ao redor das patas e sentava-se na varanda para contemplar fixamente o espaço por longos intervalos, os Blythe tinham a impressão de que nem a esfinge egípcia seria uma divindade do portal mais adequada.

Quando o Senhor Hyde assumia o controle, o que invariavelmente acontecia antes das chuvas e dos dias ventosos, ele se transformava em um selvagem de olhos vidrados. Era sempre uma transformação repentina. Erguia-se com um salto, rosnando com raiva, e mordida qualquer mão que tentasse aplacá-lo ou acariciá-lo. Seu pelo parecia ficar mais escuro, e os olhos exibiam um brilho maligno. Adquiria uma beleza quase sobrenatural. Se a mudança acontecesse no crepúsculo, os moradores de Ingleside ficavam com medo. Ele virava uma fera aterrorizante que somente Rilla conseguia defender, alegando que ele era só “um gatinho lindo e travesso”. Ele era lindo, disso não havia dúvidas.

O Doutor Jekyll adorava leite; já o Senhor Hyde não suportava, e defendia com unhas e dentes sua carne. O Doutor Jekyll descia as escadas tão silenciosamente que ninguém o ouvia. Os passos do Senhor Hyde, no entanto, eram pesados como os de um homem. Em certas noites, quando Susan estava sozinha em casa, ele a “deixava de cabelo em pé” ao fazer isso. Ele tinha o costume de sentar-se no chão da cozinha e encará-la sem piscar por até uma hora. Aquilo a deixava com os nervos à flor da pele, mas a coitada tinha muito pavor e não conseguia afugentá-lo. Ela se atreveu a jogar um graveto na direção dele uma vez, mas o felino prontamente deu um pulo feroz para cima dela. Susan correu para fora e nunca mais ousou afrontar o Senhor Hyde de novo, embora descontasse suas diabruras no inocente Doutor Jekyll, então enxotava-o sempre que apontava o nariz nos domínios dela e negando pedacinhos dos petiscos de que tanto gostava.

– “Para os inúmeros amigos da senhorita Faith Meredith e dos senhores Gerald Meredith e James Meredith” – leu Susan, saboreando os nomes como se fossem caramelos – “foi um grande prazer lhes dar as boas-vindas algumas semanas atrás, quando regressaram da Redmond College. James Blythe, que se graduou em Artes em 1913, acabou de completar o primeiro ano de medicina”.

– Faith Meredith é a criatura mais deslumbrante que já vi – comentou a senhorita Cornelia por cima do crochê. – É incrível como aquelas crianças mudaram depois que a Rosemary West foi morar naquela casa. As pessoas quase não se lembram mais de como costumavam ser travessas. Anne, querida, recorda-se de como eles eram? É surpreendente a forma como a Rosemary soube educá-los. Ela é mais uma amiga do que uma madrasta. Todos a amam e Una a adora. Quanto ao pequeno Bruce, Una praticamente se escraviza por ele. O que é compreensível, uma vez que ele é um encanto. E você já viu alguma criança se parecer tanto com uma tia como ele se parece com a tia Ellen? É tão moreno e sério quanto ela. Não vejo nenhum traço da Rosemary nele. Norman Douglas sempre conta, a plenos pulmões, que a cegonha deveria ter trazido o Bruce para Ellen e ele, e que acabou levando-o para a casa ministerial por engano.

– Bruce adora o Jem – disse a senhora Blythe. – Quando vem aqui, ele segue o Jem em silêncio para cima e para baixo como um cachorrinho, com os olhos atentos sob as sobrancelhas escuras. Creio que faria qualquer coisa pelo Jem.

– E o Jem e a Faith? Quando vão formar um casal?

A senhora Blythe sorriu. Era de conhecimento geral de que a senhorita Cornelia, que fora uma ferrenha crítica dos homens, havia se tornado uma casamenteira na terceira idade.

– Eles são só bons amigos ainda, senhorita Cornelia.

– Muito bons amigos, acredite em mim – enfatizou. – Estou bem inteirada do que os jovens andam aprontando.

– Não tenho dúvidas de que a Mary Vance se encarrega de informá-lhe tudo, senhora Marshall Elliott – observou Susan –, mas acho uma

vergonha inventar namoricos entre as crianças.

– Crianças! Jem tem 21 anos e a Faith 17 – retrucou a senhorita Cornelia. – Não se esqueça, Susan, de que nós, velhos, não somos os únicos adultos no mundo.

Ultrajada, Susan, que detestava que se referissem à idade dela, não por vaidade, e sim por um medo assombroso de que achassem que estava velha demais para trabalhar, voltou a ler as “Notas”.

– “Carl Meredith e Shirley Blythe voltaram da Queen’s Academy na sexta-feira passada. Ele deverá ser o responsável pela escola de Harbour Head no ano que vem, e temos certeza de que será um professor de sucesso e querido por todos”.

– Ele ensinara às crianças tudo que elas precisam saber sobre insetos, de qualquer forma – disse a senhorita Cornelia. – O senhor Meredith e a Rosemary queriam que ele fosse direto para Redmond agora que ele terminou os estudos na Queen’s, mas Carl tem uma natureza muito independente e quer juntar parte do dinheiro para bancar os estudos universitários. Acho que se sairá muito bem.

– “Walter Blythe, que deu aula em Lowbridge nos últimos dois anos, deixou o cargo” – leu Susan. – “Ele pretende ir para Redmond no outono”.

– O Walter já está pronto para Redmond? – inquiriu a senhorita Cornelia, preocupada.

– Esperamos que esteja até o outono – disse a senhora Blythe. – Um verão de ócio, ar fresco e sol lhe fará maravilhas.

– É difícil se recuperar da febre tifoide – disse a senhorita Cornelia com ênfase –, principalmente em quadros gravíssimos, como foi o caso do Walter. Acho que ele deveria esperar mais um ano antes de ir para a faculdade. No entanto, é tão ambicioso! A Di e Nan irão também?

– Sim. As duas queriam lecionar por mais um ano, contudo Gilbert acha melhor elas irem para Redmond neste outono.

– Que bom. Elas ficarão de olho no Walter para que não estude excessivamente. – A senhorita Cornelia olhou de soslaio para Susan.

– Suponho que, depois da reprimenda que recebi minutos atrás, não seja seguro sugerir que Jerry Meredith está arrastando a asa para a Nan.

Susan a ignorou, e a senhora Blythe riu novamente.

– Querida senhorita Cornelia, fico tão ocupada com essas histórias de paquera ao meu redor entre todos esses garotos e garotas, que, se eu as levasse muito a sério, isso acabaria comigo. Todavia não estou... é só difícil aceitar que eles cresceram. Quando olho para esses meus filhos tão altos, pergunto-me se eles são os mesmos bebês doces e gorduchos que eu beijava e ninava até pouco tempo atrás... até muito pouco tempo atrás, senhorita Cornelia. O Jem não era o bebezinho mais adorável, na velha Casa dos Sonhos? E agora é um bacharel em Artes, acusado de estar de namoricos.

– Estamos todas ficando mais velhas – suspirou a senhorita Cornelia.

– A única parte de mim que se sente velha – disse a senhora Blythe

– é o tornozelo que quebrei quando a Josie Pye me desafiou a andar sobre o telhado dos Barry, em Green Gables. Ele lateja quando o vento sopra do Leste. Não quero admitir que seja reumatismo, mas dói. Quanto às crianças, eles e os Meredith estão planejando um verão divertido antes do início das aulas. É uma turminha tão animada! Eles mantêm essa casa em um perpétuo turbilhão de alegria.

– A Rilla vai para a Queen’s quando o Shirley voltar?

– Ainda não decidimos. Imagino que não. O pai dela acha que ainda não está na hora; ela cresceu demais e está muito alta para uma garota de 15 anos. Fico aflita só de pensar... seria terrível não ter nenhum dos meus bebês aqui comigo no próximo inverno. Susan e eu teríamos que brigar para quebrar a monotonia.

Susan sorriu. Imagine, brigar com a “querida senhora”!

– Mas a Rilla quer ir? – perguntou a senhorita Cornelia.

– Não. A verdade é que Rilla é a única do meu rebanho que não é ambiciosa. Gostaria que ela tivesse mais sonhos. Ela não tem nenhuma aspiração... me parece que seu único interesse é se divertir.

– E o que há de mal nisso, querida senhora? – exclamou Susan, que não

suportava ouvir uma palavra sequer contra os moradores de Ingleside, mesmo que dita por algum deles. – Uma garota deveria poder se divertir e nada me fará mudar de opinião. Ela terá tempo de sobra para se preocupar com latim e grego.

– Gostaria que ela fosse mais responsável, Susan. Você sabe o quanto ela é absurdamente vaidosa.

– E ela tem bons motivos – retrucou Susan. – Ela é a garota mais linda de toda Glen St. Mary. Você acha que aquela gente que mora do outro lado do porto, os MacAllister, os Crawford, os Elliott, seria capaz de produzir uma cútis como a de Rilla em quatro gerações? Não. Querida senhora, eu conheço bem o meu lugar, só que não posso permitir que critique Rilla. Ouça, senhora Marshall Elliott.

Susan encontrou uma chance de se vingar dos comentários da senhorita Cornelia sobre a vida amorosa das crianças. Ela leu o trecho com gosto:

– “Miller Douglas decidiu não se mudar para o Oeste. Ele disse que a velha Ilha do Príncipe Edward é boa o bastante para ele, e que continuará trabalhando na fazenda da tia, a senhora Alec Davis”.

Susan lançou um olhar cortante para a senhorita Cornelia.

– Ouvi dizer, senhora Marshall Elliott, que o Miller está de olho na Mary Vance.

Aquilo atravessou a armadura da senhorita Cornelia. Seu rosto belo e redondo corou.

– Não vou permitir que o Miller Douglas se aproxime da Mary – disparou. – Ele vem de uma família muito baixa. O pai dele era meio que um pária do clã; eles nunca o consideraram realmente um membro. E a mãe era uma Dillon, aquela família terrível de Harbour Head.

– Acho que ouvi falar, senhora Marshall Elliott, que os pais da Mary Vance também não eram o que se chamaria de aristocratas.

– A Mary Vance teve uma boa criação e é uma garota esperta, inteligente e capaz – respondeu a senhorita Cornelia. – Ela não vai se contentar com o Miller Douglas, acredite em mim! Ela sabe minha

opinião sobre isso, além do mais, ela nunca me desobedeceu.

– Bem, acho que não precisa se preocupar, senhora Marshall Elliott, pois a senhora Alec Davis também é absolutamente contra. Ela diz que o sobrinho dela não vai se casar com uma borra-botas como a Mary Vance.

Sentindo que havia levado a melhor, Susan leu outra “nota”.

– “Ficamos contentes em saber que a senhorita Oliver continuará como professora por mais um ano. Ela desfrutará das merecidas férias em Lowbridge”.

– Alegro-me em saber que a Gertrude não vai embora – disse a senhora Blythe. – Sentiríamos muito a falta dela. E ela tem uma ótima influência sobre Rilla, que a venera. Apesar da diferença de idade, as duas são grandes amigas.

– Achei que ela iria se casar.

– Isso chegou a ser comentado, mas ouvi falar que o casamento foi adiado para o ano que vem.

– Quem é o noivo?

– Robert Grant. É um jovem advogado de Charlottetown. Espero que a Gertrude seja feliz. Ela teve uma vida triste e muito amargurada e é uma pessoa muito sensível. A primeira juventude já se foi, e ela está praticamente sozinha no mundo. Esse novo amor que entrou na vida dela é algo tão maravilhoso que eu acho que ela não se atreve a acreditar que é algo permanente. Quando o casamento teve que ser postergado, ela ficou desesperada, por mais que não tenha sido culpa do senhor Grant. Houve algumas complicações na partilha dos bens do pai dele, que faleceu no inverno passado, que o impossibilitou de casar-se. Mas creio que a Gertrude encarou isso como um mau presságio, como se a felicidade fosse escapar das mãos dela mais uma vez.

– Não é bom depositar todos os afetos em um homem, querida senhora – comentou Susan solenemente.

– O senhor Grant ama Gertrude tanto quanto ela o ama, Susan. Não é dele que ela desconfia, é do destino. Ela tem um lado místico... algumas

peças chamariam isso de superstição... e uma crença peculiar em sonhos que não conseguimos dissuadi-la nem por meio do humor. Tenho que admitir que alguns de seus sonhos... enfim, não seria nada bom se o Gilbert me ouvisse falando tamanha heresia. Achou mais alguma notícia interessante no jornal, Susan?

Susan havia soltado uma exclamação.

– Ouça isso: “A senhora Sophia Crawford deixou sua residência em Lowbridge e futuramente vai morar com a sobrinha, a esposa do senhor Albert Crawford”. Trata-se da minha prima Sophia, querida senhora. Nós brigamos quando éramos crianças para ver quem deveria ganhar um cartão da escola dominical com a frase “Deus é amor³”, com botões de rosas entrelaçados entre as palavras. Nunca mais nos falamos. E agora ela vai morar bem do outro lado da estrada.

– Vocês terão que fazer as pazes, Susan. Nunca dá certo ter inimizade com os vizinhos.

– Foi a prima Sophia que começou a briga, então que parta dela o pedido de reconciliação, querida senhora – disse Susan com altivez. – Se ela o fizer, espero ser uma boa cristã e dar o braço a torcer. Ela nunca foi uma pessoa muito alegre e foi uma estraga-prazeres a vida inteira. Da última vez que a vi, o rosto dela tinha milhares de rugas... talvez mais, talvez menos... de tanto reclamar e se preocupar. Chorou e gemeu copiosamente no funeral do primeiro marido, mas casou-se de novo em menos de um ano. A próxima nota descreve o serviço especial que tivemos em nossa igreja no domingo passado e diz que a decoração estava muito bonita.

– Por falar nisso, o senhor Pryor é veementemente contra flores na igreja – disse a senhorita Cornelia. – Eu sempre disse que teríamos problemas quando aquele homem se mudasse para cá, em Lowbridge. Ele não deveria ter sido escolhido como um dos anciões da igreja. Foi um erro com o qual viveremos para nos arrepender, acredite em mim! Ouvi dizer que ele ameaçou não ir mais à igreja se as meninas não “pararem de encher o púlpito de grama”.

– A igreja estava muito bem antes da chegada do “Bigodinho” em Glen e, na minha opinião, continuará da mesma forma quando ele se for

– disse Susan.

– Quem lhe deu esse apelido ridículo? – perguntou a senhora Blythe.

– Ora, os garotos de Lowbridge o chamam assim desde que eu me lembro, querida senhora. Suponho que seja porque tem o rosto redondo e vermelho e aquela franja de bigodes claros. Ninguém se atreve a chamá-lo assim perto dele, entretanto. Pior do que os bigodes, querida senhora, é o fato de ele ser um homem insensato e de ter ideias estranhas. Dizem que é um homem muito religioso, mas eu me lembro muito bem da vez em que foi flagrado levando a vaca para pastar no cemitério de Lowbridge, vinte anos atrás, querida senhora. Sim, eu não me esqueci e sempre penso nisso quando ele faz as orações. Bem, essa foi a última nota, e não há mais nada de importante no jornal. Nunca me interessei pelas notícias internacionais. Quem é esse arquiduque que foi assassinado?

– Isso tem alguma importância para nós? – perguntou a senhorita Cornelia, sem saber que naquele exato momento o destino preparava uma resposta assombrosa para aquela pergunta. – Sempre há alguém assassinando ou sendo assassinado naqueles estados balcânicos. É algo comum naquele lugar, e não acho que nossos jornais deveriam publicar essas notícias chocantes. O *Enterprise* está ficando sensacionalista demais. Bem, tenho que ir para casa. Não, querida Anne, não peça para que eu fique para o jantar. Se estou ausente na hora das refeições, o Marshall não faz questão de comer, é típico de um homem. Então, preciso partir. Deus misericordioso, Anne, o que deu naquele gato? Está tendo um ataque? – disse quando o Doc subitamente saltou no tapete aos pés da senhorita Cornelia, abaixou as orelhas, rosnou para ela e então desapareceu pela janela com um pulo audacioso.

– Ah, não. Ele só está se transformando no Senhor Hyde, o que significa que teremos chuva ou ventos fortes pela manhã. O Doc é um ótimo barômetro.

– Bem, estou grata por ele ter ido fazer alvoroço lá fora e não na minha cozinha – disse Susan. – E eu vou preparar o jantar. Com a multidão que temos atualmente em Ingleside, é preciso planejar as refeições de antemão.

Personagens do livro *O Médico e o Monstro*, lançado em 1886, do escritor escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894). (N. T.)

Francisco Fernando Carlos Luís José Maria de Áustria-Este, arquiduque da Áustria cujo assassinato em 28 de junho de 1914, em Sarajevo, foi o estopim para o início da Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, João 4:8. (N. T.)

Orvalho da manhã

Lá fora, o gramado de Ingleside estava repleto de poças douradas de luz do sol e sombras sedutoras. Rilla Blythe brincava no balanço sob o pinheiro-escocês, Gertrude Oliver estava sentada nas raízes da árvore enorme ao lado dela, e Walter estava deitado na grama, perdido em um romance de cavaleiros em que heróis e beldades de séculos longínquos reviviam suas aventuras para ele.

Rilla era a “bebê” da família Blythe e vivia em um estado crônico de indignação, porque ninguém acreditava que ela tinha crescido. Faltava tão pouco para completar 15 anos que já se declarava com essa idade, e era tão alta quanto Di e Nan; além disso, era quase tão linda quanto Susan acreditava que ela fosse. Tinha olhos castanhos grandes e sonhadores, uma pele alva cheia de sardas douradas e sobrancelhas delicadamente arqueadas, que lhe conferiam um ar questionador que as pessoas, especialmente os moços adolescentes, tinham vontade de responder. Seus cabelos ondulados eram de um castanho avermelhado, e a pequena fenda em seu lábio superior parecia ter sido marcada pelo dedo de uma fada madrinha na hora do batizado. Rilla, cujos melhores amigos não negavam sua vaidade, achava que não havia nenhum problema com o próprio rosto, mas se preocupava com a silhueta e desejava que a mãe a deixasse usar vestidos mais longos. A menina que fora tão gorducha nos tempos áureos do Vale do Arco-Íris agora era incrivelmente magra, dona de braços e pernas compridos. Jem e Shirley a

importunavam chamando-a de “aranha”. Todavia, de alguma forma, ela não era desengonçada. Algo em seus movimentos dava a impressão de estar sempre dançando, ao invés de caminhar. Ela fora muito mimada e era um tanto caprichosa; ainda assim, a opinião geral era de que Rilla Blythe era uma garota muito doce, mesmo não sendo tão inteligente como Nan e Di.

A senhorita Oliver, que viajaria naquela noite para passar as férias em casa, havia se hospedado por um ano em Ingleside. Os Blythe a acolheram para agradar Rilla, que estava apaixonada pela professora ao ponto de se dispor a compartilhar o próprio quarto, já que não havia outro disponível. Gertrude Oliver tinha 28 anos, e sua vida tinha sido uma luta. Era uma moça de beleza chamativa, com olhos castanhos em formato de amêndoas e um tanto tristes, uma boca inteligente e sarcástica, e cachos maciços que emolduravam seu rosto. Não chegava a ser bonita, mas tinha um charme e um mistério que Rilla achava fascinantes. Até os ocasionais estados de ânimos melancólicos e cínicos eram interessantes para Rilla, que surgiam quando a senhorita Oliver estava cansada. Na maior parte do tempo ela era uma companhia estimulante, e os alegres moradores de Ingleside nunca se lembravam que ela era muito mais velha que eles. Walter e Rilla eram os seus favoritos, e ela era a confidente dos desejos e das ambições secretas de ambos. Ela sabia que Rilla ansiava por ser “apresentada à sociedade”, ir a festas como Nan e Di, ter vestidos de noite deslumbrantes e... sim, pretendentes! No plural! Já Walter, a senhorita Oliver sabia que ele havia escrito uma série de sonetos para “Rosamond”, codinome para Faith Meredith e que sonhava com uma carreira como professor de literatura inglesa em alguma universidade de renome. Ela conhecia sua admiração ardente por tudo que era belo e seu ódio igualmente fervoroso pela feiura, conhecia seus pontos fortes e suas fraquezas.

Walter continuava sendo o rapaz mais garboso de Ingleside. A senhorita Oliver gostava de admirá-lo. Se tivesse um filho, ela gostaria que fosse exatamente como ele. Cabelos negros e brilhantes, olhos

cintilantes de um cinza-escuro, traços impecáveis. E a alma de um poeta! Aqueles sonetos eram excepcionais para um rapaz de 20 anos. A senhorita Oliver não era uma crítica parcial e sabia que Walter Blythe tinha um dom maravilhoso.

Rilla amava Walter de todo coração. Ele nunca zombava dela como Jem e Shirley faziam. Nunca a chamava de “aranha”. Ele a apelidara de “Rilla-a-Marilla”, fazendo um trocadilho com o nome real da irmã, Marilla. Ela fora batizada em homenagem à tia Marilla de Green Gables, que morrera antes que a menina tivesse idade suficiente para conhecê-la bem, e detestava o nome por achá-lo terrivelmente antiquado e puritano. Por que eles nunca a chamavam pelo primeiro nome, Bertha, que era bonito e digno, no lugar daquele nome bobo? Ela não implicava com a versão criada por Walter, todavia ninguém mais podia chamá-la assim, com exceção da senhorita Oliver de vez em quando. “Rilla-a-Marilla” soava muito lindo na voz musical de Walter, como a cadência e as ondulações de um riacho argênteo. Ela morreria pelo irmão se fosse necessário, como havia confessado para a senhorita Oliver. Rilla era chegada a exageros, como a maioria das garotas de 15 anos, e sua maior angústia era a suspeita de que ele compartilhava mais segredos com Di do que com ela.

– Ele acha que não sou madura o suficiente para compreendê-los – lamentou para a senhorita Oliver certa vez, revoltada. – Mas eu sou! E eu nunca os contaria para ninguém, nem mesmo para você, senhorita Oliver. Eu conto todos os meus segredos para você... eu simplesmente não conseguiria ser feliz escondendo algo de você, minha adorada... só que eu jamais o trairia. Conto tudo para ele... chego até a lhe mostrar o meu diário. E me magoa profundamente quando ele não me conta as coisas. Se bem que ele me mostra os poemas que escreve e são todos maravilhosos, senhorita Oliver. Ah, eu simplesmente vivo com a esperança de algum dia ser para o Walter o que foi para Wordsworth⁴ a irmã dele, Dorothy. Wordsworth nunca escreveu nada parecido com os poemas de Walter... e tampouco Tennyson⁵.

– Eu não diria isso. Ambos escreveram muita porcaria – disse a senhorita Oliver secamente. Ao ver a expressão de dor nos olhos de Rilla, ela se arrependeu e apressou-se em dizer: – Mas acredito que o Walter também será um grande poeta algum dia e que demonstrará mais confiança à medida que você for crescendo.

– Quando o Walter ficou internado no ano passado com febre tifoide, eu quase enlouqueci – suspirou Rilla com ares dramáticos. – Só me contaram a gravidade da situação depois que ele deixou o hospital. O papai não me deixou visitá-lo. Ainda bem que não descobri antes. Não teria suportado. Ainda assim, eu chorei todas as noites até dormir. Enfim, algumas vezes penso que o Walter gosta mais do Segunda-feira do que de mim – concluiu com amargura. Às vezes, Rilla gostava de falar com amargura para imitar a senhorita Oliver.

Segunda-feira era o cachorro de Ingleside, chamado assim porque havia entrado para a família em uma segunda-feira, na época em que Walter lia *Robson Crusoe*⁶. Apesar de pertencer ao Jem, ele era mais afeiçoado ao Walter. Agora mesmo ele estava deitado ao lado do Walter, com o focinho aninhado no braço do garoto, balançando o rabo com entusiasmo cada vez que ele o acaricia distraidamente. O Segunda-feira não era um collie, um setter, um hound, e tampouco um terra-nova. Era apenas um “cão comum”, como dizia o Jem, um cão muito comum, segundo comentários maldosos. De fato, a aparência não era o forte do Segunda-feira. Tinha manchas pretas espalhadas a esmo pela carcaça amarelada e uma delas dava a impressão de tampar um dos olhos. As orelhas estavam em frangalhos, uma vez que o animal não se saía bem em disputas. Porém, tinha um talismã, pois compreendia que nem todo cachorro podia ser lindo, eloquente ou vitorioso, mas que todos tinham a capacidade de amar. Por baixo do pelo pouco atraente, batia o coração mais afetuoso, leal e fiel que um cão já tivera, e através dos olhos castanhos espreitava algo que nenhum teólogo ousaria negar que se tratava de uma alma. Todos em Ingleside gostavam dele, até Susan, embora a desafortunada tendência do cão de entrar de mansinho no

quarto de hóspedes e dormir na cama fosse uma provação para o afeto dela.

Naquela tarde em particular, Rilla não tinha nenhuma reclamação a fazer.

– Junho não foi um mês adorável? – perguntou, olhando sonhadoramente para as nuvens prateadas e plácidas sobre o Vale do Arco-Íris. – Nós nos divertimos e o clima foi ameno. Foi perfeito, em todos os sentidos.

– Não gosto muito disso – disse a senhorita Oliver, com um suspiro. – Soa agourento... por algum motivo. Algo perfeito é uma dádiva dos deuses, uma espécie de compensação pelo que está por vir. Já vi isso acontecer tantas vezes que não gosto de ouvir as pessoas dizendo que alguma coisa é perfeita. Mas é verdade, junho foi bem agradável.

– É claro, não foi muito emocionante – disse Rilla. – A única comoção que houve em Glen no último ano foi o desmaio da velha senhorita Mead na igreja. Gostaria que algo dramático acontecesse de vez em quando.

– Não pense assim, coisas dramáticas sempre são ruins para alguém. Que verão animado terão vocês, jovens! Enquanto eu estarei em Lowbridge, entediada!

– Você nos visitará, não é mesmo? Acho que nos divertiremos bastante neste verão, ainda que eu acredite que assistirei tudo pelos bastidores, como de costume. Não é horrível quando as pessoas acham que você ainda é uma criancinha, quando você não é?

– Você ainda tem muito tempo pela frente para crescer, Rilla. Não desperdice a sua juventude. Ela passa rápido demais. Logo você provará da vida.

– Provar da vida? Quero devorá-la! – exclamou Rilla, rindo. – Quero tudo, tudo que uma garota pode ter. Farei 15 anos daqui a um mês, e então ninguém mais poderá dizer que sou uma criança. Uma vez me disseram que os melhores anos da vida de uma jovem são dos 15 aos 19. Pretendo vivê-los esplendidamente, preenchendo-os de diversão.

– É tolice ficar pensando em como viver. Você acaba não fazendo nada

do que planejou.

– Ah, mas é muito divertido – disse Rilla.

– Você só pensa em se divertir, macaquinha – repreendeu-a carinhosamente a senhorita Oliver, refletindo que o queixo da Rilla era a última palavra em queixos. – Ora, o que mais se deve fazer aos 15 anos? Você pretende ir para a faculdade neste outono?

– Não. E em nenhum outro outono. Não quero. Nunca me interessei por todas essas “ologias” e “ismos” que deixam a Nan e a Di loucas. E cinco de nós já vão para a faculdade. Creio que é o suficiente. Toda família tem o seu ignorante. Estou mais do que disposta a ficar com esse papel se puder ser uma ignorante linda, popular e divertida. Não sou inteligente. Não tenho nenhum talento e você não imagina como isso é cômodo. Ninguém espera nada de mim, e por isso nada me frustra. Tampouco sou uma criatura caseira, com dotes culinários. Detesto costurar e limpar... Susan até desistiu de tentar me ensinar a fazer biscoitos. O papai disse que eu não trabalho e nem fio. Portanto, devo ser um lírio do campo⁷ – concluiu, com outra risada.

– Você é jovem demais para abrir mão dos estudos, Rilla.

– Ah, a mamãe vai me colocar em um curso de leitura no próximo inverno. Vai servir para desenferrujar o curso de letras e artes dela. Por sorte eu gosto de ler. Não me olhe com essa expressão de pesar e censura, minha adorada. Não consigo ser recatada e séria... tudo me parece tão cheio de cor! No mês que vem eu farei 15 anos, e no próximo ano 16, e no seguinte 17. Existe algo mais encantador do que isso na vida?

– Bata na madeira – disse Gertrude Oliver, com um misto de riso e seriedade. – Bata na madeira, Rilla-a-Marilla.

William Wordsworth (1770-1850), um dos maiores poetas ingleses do romantismo (N. T.)

Alfred Tennyson (1809-1892), poeta britânico (N. T.).

Lançado em 1719, o livro de Daniel Defoe é sobre um naufrago que passa 28 anos em uma ilha tropical remota. O personagem-título dá o nome de Sexta-feira a um dos nativos pelo mesmo motivo. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Mateus 6:28. (N. T.)

Alegria ao luar

Rilla, que ainda apertava os olhos ao dormir e sempre parecia rir enquanto sonhava, bocejou, espreguiçou-se e sorriu para Gertrude Oliver. A professora tinha vindo de Lowbridge na noite anterior e fora convencida a ficar para o baile que aconteceria no farol de Four Winds.

– O novo dia está batendo na janela. Eu me pergunto o que ele nos trará.

A senhorita Oliver estremeceu sutilmente. Ela nunca dava boas-vindas aos dias com a exultação de Rilla. Ela já tinha vivido o suficiente para saber que um dia podia trazer coisas terríveis.

– Acho que a melhor parte de um novo dia é sua imprevisibilidade – continuou Rilla. – É fantástico despertar em uma manhã dourada e imaginar as surpresas que o dia nos presenteará. Sempre fico dez minutos perdida em devaneios antes de me levantar, imaginando tudo de esplêndido que pode acontecer antes de a noite chegar.

– Espero que algo muito inesperado aconteça hoje – disse Gertrude. – Tomara que o correio nos traga notícias de que a guerra entre a Alemanha e a França foi evitada.

– Ah... sim – disse Rilla vagamente. – Seria terrível se houvesse uma guerra, suponho. Mas ela não nos afetaria, não é mesmo? Acho que uma guerra seria emocionante. Dizem que a Guerra dos Bôeres⁸ foi, mas é claro que não me lembro de nada. Senhorita Oliver, devo usar meu vestido branco nesta noite, ou o meu novo vestido verde? O verde é bem

mais bonito, obviamente, mas tenho medo de usá-lo em um evento na praia e algo acontecer com ele. E você pode fazer aquele penteado novo em mim? Nenhuma das garotas em Glen o usa ainda. Vai ser a maior sensação.

– Como você convenceu sua mãe a te deixar a ir ao baile?

– Ah, foi o Walter que a convenceu. Ele sabia que eu ficaria muito chateada se não fosse. É a minha primeira festa verdadeiramente de adultos, senhorita Oliver, e faz uma semana que não durmo direito, pensando nela. Quando vi o sol brilhando nessa manhã, tive vontade de pular de alegria. Seria horrível se chovesse nesta noite. Acho que vou me arriscar a usar o verde. Quero me arrumar o máximo possível para a minha primeira festa. Além disso, ele é quase três centímetros mais longo que o branco. Também vou com meus sapatinhos prateados. A senhora Ford me mandou de presente de aniversário no Natal passado e ainda não tive chance de usá-los. São adoráveis. Ah, senhorita Oliver, espero que os meninos me convidem para dançar. Vou morrer de humilhação... de verdade, vou mesmo... se ninguém me chamar e eu passar a noite inteira encostada na parede. É claro que o Carl e o Jerry não podem dançar porque são filhos do ministro da igreja, do contrário eu poderia depender deles para me salvar de tamanha desgraça.

– Você terá parceiros suficientes. Todos os garotos das redondezas do porto virão e haverá mais meninos do que meninas.

– Alegro-me por não ser filha do ministro – riu Rilla. – A coitada da Faith está furiosa por não poder dançar nesta noite. A Una não se importa, é claro. Ela nunca teve vontade de dançar. Alguém disse a Faith que haveria jogos na cozinha para aqueles que não dançam, e você deveria ter visto a cara que ela fez. Ela e Jem passarão a maior parte da noite sentados nas pedras, suponho. Sabia que iremos todos caminhando até a enseada próxima à velha Casa dos Sonhos e que então iremos de barco até o farol? Será absolutamente divino!

– Quando tinha 15 anos, eu também falava com exclamações e superlativos – disse a senhorita Oliver com sarcasmo. – A festa promete

ser agradável para os jovens. Creio que me sentirei entediada. Nenhum dos garotos vai querer dançar com uma velha solteirona como eu. Jem e Walter dançarão comigo por piedade. Assim, não espere que eu tenha o mesmo entusiasmo juvenil seu.

– Você não se divertiu na sua primeira festa, senhorita Oliver?

– Não. Foi péssima. Eu era uma grosseirona, estava malvestida e ninguém pediu para dançar comigo exceto um único garoto, que era mais simplório e malvestido do que eu. Era tão desajeitado que eu o detestei, e nem mesmo ele me convidou para dançar novamente. Eu praticamente não tive adolescência, Rilla. É uma pena. É por isso que eu quero que você viva essa fase de maneira esplêndida, feliz. E espero que você se lembre da sua primeira festa com muita alegria.

– Na noite passada eu sonhei que estava no baile e de repente percebi que estava usando meu roupão e minhas pantufas – suspirou Rilla.

– Acordei aterrorizada.

– Por falar em sonhos, eu tive um esquisito – comentou a senhorita Oliver, distraída. – Foi um daqueles sonhos vívidos que eu tenho às vezes. Não são sonhos ordinários, vagos e misturados; são claros e realistas.

– O que você sonhou?

– Eu estava parada nos degraus da varanda, aqui em Ingleside, olhando para os campos de Glen. De repente, lá longe, eu vi uma onda comprida e prateada começar a encobri-los. Ela foi se aproximando mais e mais... era uma sucessão de ondas brancas menores, como aquelas que por vezes quebram na praia. O vilarejo estava sendo engolido. Pensei: “É claro que as ondas não alcançarão Ingleside...”. Só que elas foram chegando cada vez mais perto... e tão rápido que antes que eu pudesse me mover ou gritar elas arrebentaram aos meus pés... em seguida, tudo desapareceu. No lugar do vale havia apenas os vestígios das águas turbulentas. Tentei recuar, mas percebi que a barra do meu vestido estava molhada de sangue... e então acordei, tremendo. Não gostei desse sonho. Ele tem algum significado sinistro. Esses tipos de “sonhos vívidos” sempre se tornam realidade.

– Espero que não signifique que há uma tempestade vindo do Leste para atrapalhar a festa – murmurou Rilla.

– Ah, esses 15 anos! – disse a senhorita Oliver secamente. – Não, Rilla-Marilla, não creio que ele prenuncie nada tão catastrófico.

Uma onda de tensão subjacente vinha dominando Ingleside nos últimos dias. Rilla era a única que não a notava, absorta na própria vida florescente. Taciturno, o doutor Blythe quase não comentava o jornal do dia. Já Jem e Walter tinham um grande interesse pelas notícias que ele trazia. Animado, Jem procurou o irmão naquela tarde.

– Ah, a Alemanha declarou guerra à França. Isso significa que a Inglaterra provavelmente vai lutar também. E se isso acontecer... bem, o flautista de suas antigas fantasias finalmente virá.

– Não foi uma fantasia – disse Walter lentamente. – Foi um pressentimento... uma visão, Jem. Eu realmente o vi por um momento naquela tarde há muito tempo. E o que vai acontecer se a Inglaterra entrar na guerra?

– Ora, nós teremos que ajudá-la – exclamou Jem alegremente. – Não podemos permitir que a “velha mãe cinzenta do mar do Norte⁹” lute sozinha, não é mesmo? Só que você não vai poder servir ao exército, graças à febre tifoide. É uma pena, não?

Walter não disse se era uma pena ou não. Ele olhou silenciosamente na direção de Glen, para o porto azul cheio de ondas, e além.

– Nós somos seus filhotes, temos que defendê-la com unhas e dentes em uma briga de família – disse Jem ansiosamente, enquanto bagunçava os cachos vermelhos com a mão forte, delgada e sensível... a mão de um cirurgião nato, como pensava o pai dele com frequência. – Que aventura seria! Mas suponho que alguns daqueles velhotes resolverão as coisas antes que cheguem a tal ponto. Contudo, seria vergonhoso se deixassem a França na mão. Se resolverem ajudá-la, vai ser muito divertido. Bem, acho que é hora de nos arrumarmos para a festança no farol.

Jem foi embora assoviando *The Hundred Pipers*¹⁰, e Walter

permaneceu onde estava por um bom tempo. Sua testa estava levemente franzida. A notícia chegara com o negrume e a brusquidão de uma tormenta. Ninguém a cogitava até alguns dias atrás. E ainda parecia absurda considerá-la. Alguma solução seria encontrada. A guerra era algo infernal, terrível e hediondo; demasiadamente terrível e hediondo para acontecer no século XX entre nações civilizadas. A mera ideia era abominável e deprimia Walter como uma ameaça à beleza da vida. Ele não pensaria nela, só resolutamente a tiraria da mente. Que lindo era o velho vilarejo de Glen em seu esplendor de agosto, com sua série de casas antigas, pradarias lavradas e jardins silenciosos. O céu do Oeste era como uma grande pérola dourada. Lá embaixo, o porto era iluminado pela lua que surgia. O ar estava repleto de sons primorosos: o silvo indolente dos tordos, os murmúrios maravilhosos, melancólicos e suaves do vento por entre as árvores iluminadas pelo ocaso, o cochichar dos álamos e o farfalhar das folhas delicadas em formato de coração, as risadas vivazes que ecoavam das janelas onde as jovens se preparavam para o baile. O mundo era uma loucura de beleza, sons e cores. Ele pensaria somente nessas coisas e na alegria profunda que lhe proporcionavam.

“De qualquer forma, ninguém se surpreenderá se eu não for”, pensou. “Graças à febre tifoide, como disse o Jem.”

Rilla surgiu na janela do quarto, pronta para o baile. Um amor-perfeito amarelo desprende-se de seus cabelos e pousou sobre o peitoril como uma estrela cadente dourada. Rilla tentou pegá-la, em vão; no entanto, havia muitas outras. A senhorita Oliver havia trançado uma pequena coroa de flores nos cabelos da amiguinha.

– Que tranquilidade esplêndida, não acha? Teremos uma noite perfeita. Ouça, senhorita Oliver... posso ouvir com clareza os velhos sinos no Vale do Arco-Íris. Foram pendurados lá há mais de dez anos.

– O tilintar deles sempre me faz pensar na música celestial que Adão e Eva ouviam no paraíso, segundo Milton¹¹ – respondeu a senhorita Oliver.

– Costumávamos nos divertir tanto no Vale do Arco-Íris quando

éramos crianças – comentou Rilla sonhadoramente.

Ninguém mais brincava no Vale do Arco-Íris. O lugar ficava muito silencioso nas tardes de verão. Walter gostava de ir até lá para ler. Jem e Faith se encontravam sozinhos lá com bastante frequência; Jerry e Nan o visitavam para discutir ininterruptamente sobre assuntos profundos, o que parecia ser a forma preferida de cortejo deles. E Rilla tinha um adorado recôndito em meio às árvores onde ela gostava de sentar-se e sonhar.

– Tenho que ir até a cozinha para que Susan me veja antes de partir. Ela não me perdoará se eu não fizer isso.

Rilla entrou dançando na cozinha escura de Ingleside, onde Susan cerzia meias prosaicamente, iluminando o cômodo com sua beleza. Ela usava o vestido verde com uma guirlanda de pequenas margaridas cor-de-rosa, meias de seda e os sapatinhos prateados. Amores-perfeitos adornavam seus cabelos e o pescoço. Estava tão linda, jovial e radiante que até a prima Sophia Crawford viu-se obrigada a admirá-la, e a prima Sophia Crawford não era dada a admirar coisas mundanas.

As duas haviam superado, ou ignorado, a contenda desde que a senhora Crawford se mudara para Glen, e agora a prima atravessava a estrada com frequência para fazer visitas amigáveis. Nem sempre Susan a recebia calorosamente, já que a prima Sophia não podia ser considerada uma companhia divertida. “Existem visitas e existem visitantes”, dissera Susan certa vez, dando a entender que a prima Sophia pertencia à segunda categoria.

A prima Sophia tinha um rosto longo, pálido e enrugado, um nariz longo e fino, uma boca longa e fina, e dedos muito longos e finos quase sempre entrelaçados resignadamente sobre o vestido preto. Tudo nela parecia longo, fino e pálido. Ela olhou com pesar para Rilla Blythe e murmurou:

– Todo esse cabelo é seu?

– É claro que sim – exclamou Rilla com indignação.

– Ah! – suspirou a prima Sophia. – Seria melhor se não fosse. Tanto

cabelo assim suga as forças da pessoa. É um sinal de tuberculose, ouvi dizer, mas espero que não seja o seu caso. Suponho que todos vocês vão dançar nesta noite, até os filhos do ministro, provavelmente. Creio que as filhas dele, não. Ah, enfim, nunca gostei de dançar. Conheci uma garota que caiu morta enquanto dançava. Como alguém pode continuar dançando depois de algo assim, eu não compreendo.

– Ela voltou a dançar? – perguntou Rilla com petulância.

– Já falei que ela caiu morta. É óbvio que nunca voltou a dançar, criatura. Ela era dos Kirke de Lowbridge. Você vai sair assim, sem nada para proteger as costas?

– Está uma noite agradável – protestou Rilla –, mas vou vestir um xale quando entrarmos no barco.

– Ouvi dizer que, quarenta anos atrás, um barco cheio de jovens partiu do porto em uma noite como essa, exatamente como essa – enfatizou a prima Sophia lugubrememente – virou e todos se afogaram... não sobreviveu ninguém. Espero que nada parecido aconteça com vocês nesta noite. Já tentou usar alguma coisa para tirar essas sardas? Tive bons resultados com suco de banana-da-terra.

– Você certamente tem autoridade para falar de sardas, prima Sophia – disse Susan, correndo em defesa da menina. – Você tinha mais manchas do que um sapo quando era jovem. As da Rilla só aparecem no verão, enquanto as suas permaneciam firmes e fortes durante as quatro estações; e tampouco havia uma cor viçosa por trás delas, diferentemente da Rilla. Você está linda, querida, e este penteado ficou muito bom. Está pensando mesmo em caminhar até o porto com esses sapatinhos?

– Ah, não. Vamos usar sapatos velhos até o porto e carregar os novos. Gostou do meu vestido, Susan?

– Ele me lembra um vestido que usei quando era criança – suspirou a prima Sophia antes que Susan pudesse responder. – Também era verde com florezinhas rosadas e babados que iam da cintura até a barra da saia. Não usávamos esses vestidos sumários das jovens de hoje em dia. Ah, os tempos mudaram, e temo que não tenha sido para melhor. Fiz um rasgo

enorme nele sem querer naquela noite e alguém derrubou chá em mim. Ficou completamente arruinado. Espero que nada aconteça com seu vestido. Pensando bem, acho que ele deveria ser um pouco mais comprido... suas pernas são terrivelmente longas e finas.

– A senhora Blythe não aprova que garotinhas se vistam como adultas – disse Susan com firmeza, com a intenção de provocar a prima Sophia. Porém, Rilla sentiu-se insultada. Garotinhas! Ela saiu da cozinha indignada. Da próxima vez ela não iria mostrar o vestido para Susan... a Susan, que achava que ninguém ficava adulto antes dos 60! E aquela desagradável da prima Sophia com seus comentários sobre sardas e pernas! Que direito aquele varapau tinha de falar dos outros? Rilla sentiu que a noite havia sido estragada. Com os dentes cerrados, ela poderia simplesmente sentar-se e chorar.

A jovem recobrou o ânimo quando se juntou à multidão alegre de jovens que se dirigia ao farol de Four Winds.

Os Blythe deixaram Ingleside sob os latidos melancólicos do Segunda-feira, trancado no celeiro por medo de que fizesse uma aparição indesejada no farol. Eles se encontraram com os Meredith no vilarejo, e outros se juntaram a eles conforme percorriam a velha estrada do porto. Mary Vance, deslumbrante no vestido azul de crepe que transbordava de rendas, saiu do portão da casa da senhorita Cornelia e juntou-se a Rilla e a senhorita Oliver, que caminhavam juntas. As duas não a receberam com muito entusiasmo. Rilla não gostava muito da Mary Vance. Ela jamais se esqueceu do dia humilhante em que Mary a perseguiu pela vila com um bacalhau seco. Na verdade, Mary Vance não era muito popular entre os jovens da mesma faixa etária, por mais que sua companhia e sua língua afiada fossem estimulantes. “Mary Vance é meio que um hábito para a gente: mesmo quando estamos furiosos, não conseguimos ficar sem ela”, disse Di certa vez.

A maior parte do grupo ia em pares. Jem caminhava com Faith Meredith, é claro, e Jerry Meredith com Nan Blythe. Di e Walter andavam um ao lado do outro, perdidos em uma conversa profunda e

confidencial que Rilla invejava.

Carl Meredith ia ao lado de Miranda Pryor, mais para atormentar Joe Milgrave do que por qualquer outro motivo. Joe era conhecido por ter uma queda abissal pela Miranda, mas a timidez o impedia de aproximar-se dela. Joe talvez conseguiria reunir coragem suficiente para acompanhá-la se a noite estivesse um breu, só que naquele momento, sob o crepúsculo iluminado pela lua, ele simplesmente não era capaz. Miranda era filha do Bigodinho, que não compartilhava da fama do pai, todavia tampouco gozava de popularidade: era uma criatura pálida, neutra, dada a risadinhas nervosas. Tinha cabelos loiros prateados e olhos grandes e azuis como se fossem de porcelana, que lhe davam a impressão de ter levado um susto quando era pequena do qual nunca se recuperou. Ela preferiria estar ao lado do Joe a estar perto do Carl, com quem não se sentia nem um pouco à vontade. Além disso, era questão de honra estar ao lado de um estudante universitário, ainda mais o filho do ministro da igreja.

Shirley Blythe caminhava ao lado de Una Meredith e ambos estavam em silêncio, pois esta era a natureza deles. Shirley era um rapaz de 16 anos, pacato, sensível, pensativo, dono de um senso de humor sutil. Ainda era o “menininho da Susan”, com os cabelos castanhos, os olhos cor-de-

-avelã e a pele morena-clara. Ele gostava de estar com Una Meredith porque ela nunca tentava fazê-lo falar ou o importunava com tagarelices. Una era tão doce e tímida como fora nos dias do Vale do Arco-Íris, e seus olhos azul-escuros continuavam tão sonhadores e tristonhos como na época. A garota tinha uma queda secreta e cuidadosamente oculta por Walter Blythe de que ninguém suspeitava exceto Rilla, que se simpatizava com a situação e desejava que Walter correspondesse. Ela gostava mais de Una do que de Faith, cuja beleza e descontração eclipsavam as outras garotas. E Rilla não gostava de ser eclipsada.

Mas agora ela estava muito feliz. Era delicioso caminhar com os amigos pela estrada escura e cintilante onde pequenos abetos e pinheiros

despontavam aqui e ali, enchendo o ar com um perfume resinoso. Os últimos raios de sol coloriam os prados e as colinas ao Oeste. O porto reluzia diante deles. O sino tocava na igrejinha do outro lado do porto, e suas notas oníricas vinham morrer na enseada ametista. O golfo ainda exibia um azul prateado sob os resquícios de luz. Ah, era tudo glorioso, o ar puro com seu toque salino, o bálsamo dos pinheiros, a risadas dos amigos. Rilla amava a vida; ela amava a música e o murmúrio alegre das conversas; ela queria que a caminhada por aquela estrada cinzenta e argêntea durasse para sempre. Era sua primeira festa, e ela iria se divertir à beça. Não havia nada com o que se preocupar no mundo, nem mesmo as sardas e as pernas compridas demais, nada, exceto o medo sutil e persistente de que ninguém iria convidá-la para dançar. Era lindo e gratificante simplesmente estar viva, ter 15 anos, ser bonita. Rilla inspirou profundamente, arrebatada, e prendeu o ar de maneira abrupta. Jem estava contando alguma história para Faith que tinha acontecido na Guerra dos Bálcãs.

– O médico teve as duas pernas destroçadas e foi abandonado no campo para morrer. Mesmo assim ele rastejou de homem em homem até onde conseguiu chegar, fazendo o possível para aliviar o sofrimento dos feridos sem pensar em si mesmo. Ele atava uma bandagem no braço de um deles quando foi atingido. E assim o encontraram, com as mãos mortas ainda segurando as bandagens com firmeza. O sangramento havia sido contido e a vida do outro homem foi salva. Não é um verdadeiro herói, Faith? Quando li isso...

Jem e Faith se afastaram. Gertrude Oliver de repente estremeceu, e Rilla segurou o braço dela com carinho.

– Não é horrível, senhorita Oliver? Não sei por que o Jem está contando uma história tão macabra em um momento como esse, em que estamos todos nos divertindo.

– Acha mesmo horrível, Rilla? Pois eu achei linda, maravilhosa. É uma história que nos faz sentir vergonha por duvidar da natureza humana. A atitude daquele homem foi divina. Como a humanidade reage à ideia do

autossacrifício! Quanto ao meu arrepio, não sei o que o causou. A noite está bem agradável. Talvez alguém esteja andando sobre o lugar que virá a ser meu túmulo, iluminado pelas estrelas. É o que diz uma velha superstição. Bem, não vou pensar nisso nesta noite adorável. Sabe, Rilla, sempre fico contente por morar no campo quando chega a noite. Aqui nós conhecemos o verdadeiro charme da noite, ao contrário dos moradores da cidade. Todas as noites são bonitas aqui no interior, até mesmo quando há tempestades. Adoro admirar uma noite de tormenta nesse golfo. Uma noite como essa é quase bonita demais... ela pertence à juventude e aos sonhos e quase me dá medo.

– Sinto como se eu fizesse parte dela – disse Rilla.

– Ah, sim, você é muito jovem para ter medo das coisas perfeitas. Bem, ali está a Casa dos Sonhos. Parece muito solitária neste verão. Os Ford não vieram para cá?

– O senhor Ford e a esposa Persis não. Só o Kenneth, que ficou hospedado com a família da mãe do outro lado do porto. Quase não o vimos esse verão. Ele está mancando, e por isso não saiu muito.

– Mancando? O que aconteceu?

– Ele quebrou o tornozelo em uma partida de futebol americano e passou boa parte do inverno de cama. Ele começou a mancar depois disso, mas está melhorando aos poucos e espera que logo esteja bem. Ele foi a Ingleside só duas vezes.

– Ethel Reese é louca por ele – comentou Mary Vance. – E está completamente iludida. Ele a acompanhou até em casa depois da última reunião da igreja do outro lado do porto, e você não imagina a arrogância dela depois disso. Como se um garoto de Toronto como o Ken Ford fosse se interessar por uma garota como Ethel!

Rilla corou. Ela não se importava se o Kenneth Ford acompanhasse a Ethel Reese até em casa uma dúzia de vezes, nem um pouco! Nada que ele fazia lhe interessava. Ele era muito mais velho que ela. Ken era amigo da Nan, da Di e da Faith e aparentemente via Rilla como uma criança, pois ele só prestava atenção nela para provocá-la. E ela detestava Ethel

Reese e o sentimento era recíproco, desde a vez em que Walter deu uma surra notória em Dan quando eram crianças. Porém, ela não a considerava inferior a Kenneth Ford por ser uma garota do campo. Quanto à Mary Vance, ela estava se tornando uma verdadeira fofqueira que só pensava em quem saía com quem!

Havia um pequeno píer na praia próxima à Casa dos Sonhos, onde dois barcos estavam amarrados. Um deles foi conduzido por Jem Blythe e o outro por Joe Milgrave, que sabia tudo sobre barcos e ficou orgulhoso por poder demonstrar isso à Miranda Pryor. Eles apostaram corrida, e o barco de Joe venceu. Mais barcos se aproximavam, vindos de Harbour Head e do outro lado do porto. Ouviam-se risadas de todos os lados. A grande torre branca de Four Winds Point estava inteiramente iluminada, enquanto seu facho giratório brilhava em seu extremo. Uma família de Charlottetown, parentes do faroleiro, viera passar o verão e era a anfitriã da festa para a qual todos os jovens de Four Winds, Glen St. Mary e do outro lado do porto tinham sido convidados. Quando o barco do Jem atracou próximo ao farol, Rilla desesperadamente calçou os sapatinhos prateados sob a proteção das costas da senhorita Oliver. Ela viu de relance que os degraus esculpados nas rochas estavam repletos de garotos e iluminados por lanternas chinesas, e decidiu que não iria subi-los com os sapatos pesados que a mãe insistira que usasse no trajeto da estrada. Os sapatinhos apertavam os pés dela, mas ninguém suspeitaria ao vê-la chegar saltitando e sorridente, com os olhos reluzentes e curiosos, e o rico tom rubro nas bochechas alvas e redondas. Assim que chegou ao topo, um garoto que morava do outro lado do porto a convidou para dançar, e no instante seguinte eles foram para o pavilhão de baile que fora construído voltado para o mar. O lugar era adorável, coberto por ramos de pinheiros e iluminado pelas lanternas chinesas. Diante deles estava o mar irradiante; à esquerda, os picos e vales enluarados das dunas de areia; à direita, a praia rochosa com suas sombras e a enseada cristalina. Rilla e seu parceiro deslizavam por entre os convidados, ela deixou escapar um longo suspiro de prazer. Que música enfeitiçadora o

Ned Burr, de Upper Glen, arrancava do violino! Era como a flauta mágica do velho conto, que compelia todos que a ouvissem a dançar. Que brisa fresca soprava do golfo, que maravilhosa era a luz da lua sobre a paisagem! Isso era a vida, a vida encantadora! Rilla sentia como se seus pés e sua alma tivessem asas.

A Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902) ocorreu entre o império britânico e as duas nações Bôer, a República Sul-Africana (ou República de Transvaal) e o Estado Livre de Orange, pelo domínio da África do Sul. Como parte do império na época, o Canadá enviou tropas para os campos de batalha. (N. T.)

Frase do poema *The Grey Mother*, do britânico *Lachlan MacLean Watts* (1867-1957), sobre a Guerra dos Bôeres. (N. T.)

Canção tradicional popular escocesa, escrita por volta de 1852, que retrata os acontecimentos do Levante Jacobita de 1745. (N. T.)

Paraíso Perdido, poema épico escrito por John Milton e originalmente publicado em 1667. (N. T.)

A música do flautista

A primeira festa de Rilla foi um triunfo... pelo menos de início. Ela recebeu tantos convites que precisou trocar de parceiros no meio das danças. Os sapatinhos prateados pareciam se mover por conta própria e, por mais que machucassem e formassem bolhas nos calcanhares, não atrapalharam a diversão. Ethel Reese lhe deu um susto ao chamá-la misteriosamente para fora do pavilhão e cochichar, com o sorrisinho que lhe era característico, que havia um furo na parte de trás do vestido de Rilla e uma mancha nos babados. Rilla correu para o quarto que fora temporariamente transformado em um espaço para as damas e descobriu que a mancha era apenas uma folha grudada e que o furo era minúsculo, onde um dos ganchos havia se soltado. Irene Howard o colocou no lugar e lhe fez elogios melosos e condescendentes. Rilla sentiu-se lisonjeada pela condescendência da Irene. Ela era uma garota de 19 anos de Upper Glen que parecia gostar da companhia de meninas mais novas, para que pudesse reinar sem rivais, segundo as más línguas. No entanto, Rilla a achou deslumbrante e amou ganhar a atenção dela. Irene era linda e elegante. Cantava divinamente e passava todos os invernos fazendo aulas de música em Charlottetown. Tinha uma tia em Montreal que lhe mandava roupas maravilhosas; diziam que tinha tido um romance malfadado, ninguém sabia mais do que isso, mas o mistério em si já era fascinante. Os elogios de Irene coroaram a noite de Rilla. Ela correu de volta ao pavilhão e parou um instante na entrada, sob a luz das lanternas,